

MEMÓRIAS DE UMA PROFESSORA PRIMÁRIA: REVISITANDO CENÁRIOS RURAIS EM NOVO HAMBURGO

José Edimar de Souza¹ –UNISINOS

Resumo:

Cada sujeito sintetiza em si o conjunto de memórias que acumula no percurso de uma vida. O contexto em que as memórias emergem diz da relação que se estabelece com a realidade no construto da história. O objetivo é desdobrar fatos e reflexões em torno da história docente de uma professora primária da zona rural de Novo Hamburgo/RS cuja trajetória se desenvolveu no período de 1940-1969. Pretende, pois, compreender e analisar como às opções subjetivas e à própria trajetória docente se entrelaça ao fazer pedagógico multisseriado que foi sendo “tecido” e inscrito *no e com o outro*. O estudo busca também investigar as marcas do poder revisitado pelas memórias que dizem do viver com o outro, na prática docente, na vida em comunidade. A pesquisa, de cunho qualitativo utiliza da metodologia da história oral valendo-se de entrevistas semi-estruturadas. Ao narrar trajetórias é possível reconstruir cenários até mesmo desconhecidos, esquecidos e ocultados pela história oficial. A história da professora “Gersy” singulariza memórias da educação rural em Novo Hamburgo, principalmente, como pioneira na constituição da história da educação pública municipal.

Palavras-chave: trajetória docente; memória de professores; fazer pedagógico multisseriado; professor primário, educação rural.

Para início de conversa: reflexões sobre a história do professor rural

A história se constrói nas ações simultâneas e coletivas num determinado ambiente. Neste sentido, cada um representa o conjunto de memórias que acumula sobre os territórios percorridos, memórias que são coletivas e que desveladas revelam sobre a história de um lugar. STEPHANOU; BASTOS (2009) argumentam que há hoje um “retraimento” da memória coletiva. É a partir do discurso das memórias individuais que se transborda a memória coletiva. Ao historiar trajetórias, nesta pesquisa, o percurso docente de uma professora rural multisseriada é sempre uma oportunidade de repensar nossa própria subjetividade e nossas emoções.

A história da educação, principalmente a história regional representa um campo empírico rico e ainda pouco explorado. NÓVOA (2009) define as pesquisas educacionais como “nebulosa” considerando que se priorizam determinados grupos e ignoram outros “deixando à sombra grande zonas das práticas pedagógicas e dos atores sociais” referindo-se a ênfase nos estudos sobre o espaço urbano. ALMEIDA (2009) complementa dizendo que os

¹ Graduado em História. Mestrando em Educação na UNISINOS. Diretor da EMEF Profª Helena C. Samapio de Novo Hamburgo.

estudos sobre a história da educação rural no Brasil constituem uma área de investigação que ainda se situa na "marginalidade".

Aqui se pretende problematizar uma face pouco explorada da história: a educação no meio rural no século XX. Estamos diante de uma história que envolve personagens anônimos, alunos e professores, que constituíram identidades particulares nas escolas afastadas das cidades. Na experiência dessas escolas, os poderes públicos parecem ter acreditado numa suposta "predestinação rural" do país e, para isto, apostaram no professor como grande responsável pelo êxito educacional.

A história é aqui entendida no sentido que trata NORA (1993) sendo a memória uma fonte para a história. Ao diferenciar a memória como história vivida e história como produção intelectual, NORA (1993) afirma que história e memória não são sinônimos, pois "a memória é a vida carregada por um grupo em permanente evolução, aberta à dialética. A história é a reconstrução sempre problemática do passado; demanda análise e discurso crítico" (p.9). TEDESCO (2002) corrobora com a idéia de que são as memórias essencialmente atos de evocação do passado, atos que se reestruturam em imagens mentais a partir de arquivos, imagens, fotografias, entrevistas, pois o passado, enquanto tal, não volta.

A história difere da memória, o conhecimento que se produz a partir dela é produzido e compartilhado coletivamente, pois trata-se de uma atividade social. Há então que se rememorar, há que se construir lugares, ou buscar os já constituídos para essa (re) construção." (MENEZES, 2004, p.8).

A proposta desta reflexão não é reconstruir a história de vida, muito menos a história das instituições escolares no espaço rural, mas registrar as marcas, como hoje, o protagonismo de uma professora rural multisseriada², sua formação e fazer pedagógico é narrado, revisitado e rerepresentado pelas memórias que emergiram nas entrevistas. Neste sentido, optou-se pela entrevista semi-estruturada utilizando-se da metodologia da história oral.

No momento em que se esforça para lembrar sua experiência, que necessariamente não importa o tempo em que se deram, se constroem como fontes de reflexão. WERLE; THUM; MARTINSON e TRINCHÃO (2007) contribuem nesta reflexão quando argumentam que são as entrevistas atos de construção e de seleção de um certo conhecimento da realidade e de seu funcionamento, memórias coloridas das vivências de diferentes momentos históricos e não apenas das relativas a um único espaço e período de vida dos depoentes.

² A professora Maria "Gersy" Höher Thiesen é uma das colaboradoras da pesquisa em desenvolvimento no Programa de Mestrado em Educação da Unisinos, na linha de pesquisa Educação, História e Política, sob orientação da Prof^a Beatriz Fischer. Foram realizadas duas entrevistas e três encontros com essa professora. As entrevistas transcritas totalizam vinte páginas digitadas em fonte Times 12 e espaço simples.

A professora primária em classes multisseriadas

FERRI (1994) realiza denso estudo sobre a escolarização multisseriada no Brasil. A realidade das classes multisseriadas, por muitos desconhecida, revela-se uma prática atual em diferentes municípios do país. A modernidade e a tecnologia desenvolvida, principalmente, no último século melhoraram e qualificaram de modo geral a vida da humanidade. Porém, os efeitos deste progresso são percebidos de forma desigual no espaço rural³.

Embora as classes multisseriadas existam em espaços urbanos, o “interior” parece ter se configurado como lugar privilegiado desta prática. O argumento da adversidade às condições físicas espaciais e o reduzido número de alunos das comunidades rurais colaboram para a continuidade e permanência da escola multisseriada.

No século XIX e início do século XX, época em que a população brasileira habitava principalmente a região rural foi este o período auge deste tipo de escola, que muito serviu para escolarizar, disciplinar e formar os “sujeitos bons”, mão-de-obra responsável pelo progresso.

A partir das duas últimas décadas do século XX este tipo de escola tem sido alvo de massivas críticas. Argumentos como a desqualificação docente e a reprovação parecem ser os principais pontos que levaram ao desaparecimento de muitas instituições. A sua característica básica, a de reunir em torno de um professor vários alunos de séries diferentes, data de décadas atrás e perpetua-se até hoje.

Noutro sentido, a seriação apresenta-se como único projeto de mundo, de possibilidade de aprendizagem e educação. O êxodo rural colaborou para a cristalização de um tipo de escola impermeável a contemporaneidade.

Cenários das memórias: Novo Hamburgo/Lomba Grande

O cenário em que o percurso de vida da professora “Gersy” se desenvolve é o município gaúcho de Novo Hamburgo, especificamente, o bairro rural de Lomba Grande. Em Lomba Grande, então distrito da cidade de São Leopoldo, precisamente a dezoito de março de 1924, na localidade de “*Rosenthal*”, atual localidade de Santa Maria, nasceu “Maria Gersy Höher Thiesen”, filha do professor José Afonso Höher e da escritã Erna Olinda Höher. A

³ Neste trabalho, são utilizadas as expressões populações rurais, populações campestres, campestres ou habitantes do meio rural quando houver referência às pessoas residentes e originárias deste meio. Não é utilizada a palavra colono por indicar somente os produtores rurais de descendência alemã e italiana, essencialmente e nesta pesquisa a proposta é abranger as populações rurais do Rio Grande do Sul, independente de sua origem étnica. Nesse sentido, o rural é entendido como espaço/lugar em que as memórias se materializam e desenvolvem. Sobre este assunto consultar TEDESCO (1999) e ALMEIDA (2001; 2007).

historiadora Liene SCHÜTZ (2001, p. 107) assim registra: “A *localidade de Lomba Grande era o 6º Distrito de São Leopoldo, criado por Lei Municipal nº 39 em dezembro de 1904.*”.

A origem do nome, segundo informação de antigos moradores, está ligada ao seu relevo que é ondulado, com muitos morros, diversas altitudes, onde se realizavam carreira de cavalos. SCHÜTZ (2001) recorda que apenas na década de quarenta do século XX é que o espaço de Lomba Grande é incorporado ao território de Novo Hamburgo

Em 1940, foi anexada a Novo Hamburgo através de acordo, para que Novo Hamburgo tivesse mais uma saída. Determinava a lei que um município para se emancipar precisava ter duas entradas e duas saídas. Era um dos critérios que regulavam o processo emancipacionista. Em 1969, Lomba Grande consistia no 3º Distrito de Novo Hamburgo. Através da lei número 78/1979, a localidade transformou-se em bairro. E a Lei Municipal de 1985 definiu seu perímetro urbano e rural (p.107).

Lomba Grande compreende uma área de 156,31 quilômetros quadrados de belas paisagens, o que corresponde a dois terços do território atual da área urbana de Novo Hamburgo. Situa-se a leste, com o Rio dos sinos, ao norte com os municípios de Campo Bom e Sapiranga, ao sul com o município de Gravataí e a leste com Taquara. Ainda faz limite sudeste com Sapucaia, oeste com São Leopoldo e nordeste com os bairros Canudos e Santo Afonso em Novo Hamburgo.

As Aulas Públicas vão se efetivar neste espaço, principalmente na década de 1930 e a escola pública mais antiga do município estivesse localizada na localidade do Taimbé (interior de Lomba Grande) – Escola Municipal Bento Gonçalves (1884)⁴.

BRITTO (2007) apresenta tabela com diferentes documentos sobre Lomba Grande. Interessa aqui o Decreto Municipal nº 016/24 – que designa a professora Maria Gersy Höher para reger Jardim de Infância, cita sua atuação “nas AULAS REUNIDAS ESTADUAIS E MUNICIPAIS de Lomba Grande”. Tal informação indica que neste bairro rural também existiram, no começo de sua história como parte da cidade de Novo Hamburgo, as *aulas reunidas*. Interessante ainda é observar a junção de aulas estaduais e municipais em uma mesma denominação, como se pode constatar pelo depoimento da professora foco deste estudo:

(...) O papai ficava o responsável pelo 1º ano e eu, 2º Ano D. Alfrídia Enck, 3º D. Anália Kill, ou Flores, não tenho certeza. Era uma senhora, já uma moça de idade, mas ela não conseguia impor respeito para os aluninhos, então papai vivia lá e eu sozinha com aquela turminha [...] E a D. Julieta Bohrer na 4ª série e o professor Kill (Pedro Alfredo) Kunrath na 5ª Série. O edifício é hoje o salão paroquial da comunidade católica, o salão de festas. Ali a gente passou alguns aninhos, e aí vieram mais professores, depois, que eu não me recordo mais [os nomes]. E eu fui

⁴ Em 1884 já havia duas escolas públicas em Novo Hamburgo e na data da emancipação, dia 5 de abril de 1927, existiam sete escolas estaduais, uma municipal e seis escolas particulares, totalizando quatorze escolas que atendiam 924 alunos.

parar no Jardim da Infância Dr. Getúlio Vargas, era no mesmo edifício, só numa sala, o mesmo prédio (...) (Maria Gersy).

“Gersy”, como carinhosamente era chamada pelo pai, professor José Affonso Höher, educador pioneiro no Vale dos Sinos⁵, que no final do século XIX era responsável pelas aulas particulares e em seguida pela instituição das aulas públicas na localidade.

A infância vivida no interior de Novo Hamburgo permitiram que a imaginação explodisse, o teatro era sua brincadeira preferida. Se perde em sua reflexão ao dizer “*Ainda gosto de sonhar, gosto de sonhar um pouco, quer ver a Gersy feliz é ler sobre condes, duques, príncipes e princesas*”. Revelando sua paixão pela leitura e histórias, principalmente as épicas e os romances, finais felizes. Aspecto marcante no seu fazer pedagógico, “(...) *eu tinha que contar histórias pros meus e os alunos da Eni. Disse a Eni. Gersy temos que mudar a hora da história porque meus alunos não trabalham, eles cruzam os braços e estão tesos te escutando.*” Neste sentido, a memória deste fazer revela a construção das práticas em espaços multisseriados, acomodados pelas professoras Gersy e Eni, colegas na escola Castro Alves, na década de 1960. E conclui “(...) *contava as histórias: Chapeuzinho Vermelho pra cima. Nós mudamos o horário. Todos os alunos amontoados, um do ladinho do outro a turma toda. [diz a Eni] Gersy tu transforma, tu muda a voz, tu interpreta a personagem*”. Estas histórias eram contadas sem o acompanhamento de livros, na época as escolas com poucos recursos e muitos alunos, a tradição da oralidade e criatividade fazia com que o conhecimento acontecesse no lugar.

Maria Gersy tem sua história docente desenvolvida no período de 1940 a 1969 nas localidades de Santa Maria do Butiá, São Jacó, Passos dos Corvos e no centro do bairro Lomba Grande. A referência de escolarização formal desta professora é o 5º ano primário. E refere da seguinte maneira quando questionada “(...) *sou uma professora feito a machado.*”. As Aulas Públicas Reunidas de Lomba Grande acontecem na década de 1930, pelo pai, José Afonso e revelando o peso com que o *saber fazer da experiência feito* foi sendo costurado, tecido por esta professora. A docência é marcada pela referência, pela representação da identidade docente aprendida com o pai. Entre 1938/1939 inicia a imersão no magistério. As Aulas Públicas, com mais de sessenta alunos para um professor se configuram de forma diferente nos idos de 1939 momento em que surge o Grupo Escolar de Lomba Grande. Em

⁵ O Vale dos Sinos compreende um conjunto de municípios do Rio Grande do Sul cujo nome se dá pela disposição física/hidrográfica beneficiados pelas águas do Rio dos Sinos. No final do século XIX, o professor José Afonso Höher seguia o ritmo itinerante da docência, percorria as localidades de Lomba Grande e arredores como (Taquara, Gravataí, Sapiranga) levando conhecimento para o interior. Gersy lembra que o pai ficava afastado semanas e percorria diferentes caminhos à cavalo; inicia a entrevista contando histórias destes lugares que o pai costumava “trazer”.

1940 inicia como professora auxiliar do 1º e 2º ano, na ocasião o pai era o professor regente⁶ do Grupo.

As memórias permitem compreender como a educação rural foi acontecendo nesta localidade. O envolvimento, o poder e a representação que o professor ocupava neste período (décadas de 1940/1960) revelam a docência marcada pela persistência e afeto. As marcas da resistência se evidenciam no olhar desta professora e que transbordam ao rememorar, histórias que se pautam pelo exemplo, pela experiência e pela coragem, aspecto que a singulariza como professora. Uma professora que enfrentou a autoridade do poder local (subprefeito), a implicância política do pároco e que exerceu funções que transcendem a materialidade do fazer pedagógico.

Em cada localidade, em cada momento do seu percurso, são acompanhados pelo fazer pedagógico que dizia da história do lugar, da preocupação com o espaço rural, do zelo com as questões políticas, como o movimento nacionalista. Como recorda “(...) *essas crianças vão ter que trabalhar, vão ter que ter amor a vida, aí fiz um canteirinho redondinho, daquelas cravilinas cheirosas, onde eles tinham que cuidar e isso fazia parte da aula, cuidar do jardimzinho*”.

Um *fazer* que revela a sensibilidade frente a realidade quando se preocupa em vacinar os alunos, batalhar pela merenda escolar, de construir com a comunidade a escola mostrando o lugar e importância do conhecimento, não apenas para “*pegar na enxada*” ou “*saber ler, escrever e contar*”.

Na escola de Santa Maria, trabalhou muito em prol da Igreja Nossa Senhora da Conceição: “*Lá era professora, pra todo pau, toda obra, inclusive vacinar eu fiz lá.*”. No período em que estavam construindo a Igreja, as missas eram realizadas no espaço da Escola Municipal de Santa Maria⁷. A professora ainda registra que cantava, rezava e ensinava catecismo para os alunos. E quando havia missas e cerimônias, ela precisava se deslocar até Santa Maria do Butiá para participar das celebrações.

Ai eu fui pedir um armário para guardar as minhas coisas e escrevi para a Orientadora daquela época - era Orientadora das escolas municipais, trabalhava em Novo Hamburgo, Iracema Grin. (...) vocês decerto sabem, as missas são realizadas

⁶ Nessa época o professor regente era responsável pela administração do Grupo Escolar exercendo a função de diretor e professor.

⁷ Esta escola funcionava na residência do Sr. Avelino (Lino) Beck. Não existem registros na SMED/NH sobre esta escola. Até a década de 1960 muitas escolas rurais funcionavam na residência do professor ou na casa de algum líder comunitário, uma parte desta casa servia de escola e também de Igreja. Esta escola chamada, Expedicionário João Moreira (o que dificultou a compreensão dos dados num primeiro momento) não apresenta registros nos documentos da prefeitura Municipal por ter sido desativada ainda na década de 1950. É na década de 1960/1970 que as escolas recebem registros e portarias, algumas posteriores ao seu funcionamento, como é o caso da EMEF Bento Gonçalves, em atividade desde 1884.

dentro da minha sala de aula e eu não quero que alguém mexa nos livros e pedi, então, um armário. [assovia] só não fui pra rua porque rabo não tinha pra puxar. (...) Aí depois a sogra do Mário, (...) chegou pra mim e disse: Gersy - eu tava muito cansada naquele dia, tinha só uma cadeira (...), que eu muito pouco sentava na sala de aula, sentei, e o padre começou a baixar o pau. Eu disse: esse padre está falando pra mim... E eu: deixa a falar... eu só escutando. [tocou] o sino, terminou a missa, o pessoal não ia logo embora; ficavam as comadres conversando com os compadres... E então a Cecília Fisch, essa professora aposentada, disse: Gersy, o que é que o padre tem contra ti, tudo ele falou e ele olhava *tez* assim pra ti, pro lado que eu tava sentada... Aí mexeu na abelheira e de tarde a *petiça* teve que vir pra Lomba Grande, eu queria botar em pratos limpos com o subprefeito, eu tava em ponto de bala mesmo. Naquele dia eu teria dito tudo que queria... Mas você me atendeu? (se referindo ao padre e subprefeito) Você teve medo de enfrentar a Gersy... não me atenderam, eu vim embora porque tava anoitecendo. Mas a coisa não ficou assim, porque lá entre eles houve alguma coisa, enfim o meu armário veio, pude guardar os livros e continuei do mesmo modo. (Gersy)

A partir do relato, observa-se as relações de poder expressas na ação do padre da paróquia de Santa Maria, na relação da Igreja com o sub-prefeito do Distrito e das articulações com a elite da localidade. Porém, a professora Gersy, buscando esclarecer o fato, procura as autoridades para conversar, evidenciando a coragem desta professora, que não deixava por menos quando percebia que algo não estava correto. Este perfil, jeito de ser professora, também é identificado no reconhecimento como é lembrada na comunidade em geral, como emociona aos que a escutam falar.

Considerações finais

As palavras da professora revelam a prática de amor e dedicação ao magistério público nesta localidade, uma vida entregue ao ofício de mestre, principalmente em classes multisseriadas. Ao narrar-se, fica evidente a paixão e encantamento pela literatura, pelas histórias que seus alunos insistiam em pedir que ela repetisse. Na turma da Escola Municipal Castro Alves, alguns alunos paravam para escutar, impedindo que a colega (professora Eni Beck) conseguisse continuar a aula com o 3º e 4º ano. Ao mesmo tempo em que se constitui professora nos idos dos anos 40 e 50 do século XX, acompanha o momento da abertura de muitas escolas rurais e conta com detalhes a dificuldade e descaso das políticas públicas para com o ensino rural.

FISCHER (2009), a partir dos estudos sob a perspectiva oral e da análise da Revista do Ensino (1951-1970), apresenta considerações sobre a constituição docente, em especial da professora dos primeiros anos, não só da referida época, como também da primeira metade do século XX. Neste estudo é possível perceber a “vocação” para a docência e o peso do apostolado, da missão de amor e sacrifício que o magistério incorporava. Mais que uma vocação, a dimensão missionária revela o poder de uma época em que uma das únicas opções

para o trabalho feminino, ou seja, a mulher ocupando um espaço na sociedade, era pela via da educação. Ser professora representava também a pretensa independência. Os discursos da época sustentam práticas de submissão, mas ao mesmo tempo evidenciam certo empoderamento que algumas mulheres professoras assumiam – como, de certo modo, se constata a partir da trajetória de Maria Gersy.

Estudar o percurso de docentes permite transitar por diferentes espaços, vivências, sentimentos. Tais experiências, narradas desde a memória dos envolvidos, ajudam não só a constituir os sujeitos, como a escrever parte da história da educação regional. A partir do momento em que se evocam memórias singulares, é possível caracterizar parte de um contexto pessoal e coletivo, percebendo semelhanças e diferenças entre as narrativas que ali se desdobram.

Referências

ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Vozes esquecidas em horizontes rurais: histórias de professores**. Porto Alegre: UFRG; Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação, 2001. (Dissertação de Mestrado);

_____. **Memórias da Rural: narrativas da experiência educativa de uma escola normal rural pública (1950-1960)**. Porto Alegre: UFRG; Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação, 2007. (Tese de Doutorado);

_____. **A educação rural como processo civilizador**. In:

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara. (orgs.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**, vol. III. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009;

BRITTO, Lenir Marina Trindade de Sá. **O fechamento das Escolas Rurais: a lógica dos sobreviventes no campo**. São Leopoldo: Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Pedagogia – Ênfase em Séries Iniciais. UNISINOS, 2007;

FERRI, Cássia. **Classes Multisseriadas: que espaço escolar é esse?** Santa Catarina: UFSC; Universidade Federal de Santa Catarina; Programa de Pós-Graduação em Educação, 1994. (Dissertação de Mestrado);

FISCHER, Beatriz T. D. **A professora Primária nos impressos pedagógicos (1950/1970)**. In: STEPHANOU, Maria, BASTOS, Maria Helena Camara. (org.) **História e memórias da educação no Brasil**. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2009;

NÓVOA, A. **Introdução**. In: STEPHANOU, Maria, BASTOS, Maria Helena Camara. (org.) **História e memórias da educação no Brasil**. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2009;

NORA, P. **Entre memória e História: a problemática dos lugares**. São Paulo: Educ, nº. 10, 1993. (Projeto História);

SCHÜTZ, Liene M. Martins. **Os bairros de Novo Hamburgo**. S/d, Novo Hamburgo, 2001;

TEDESCO, João Carlos. Terra, Trabalho e Família: Racionalidade Produtiva e Ethos Camponês. Passo Fundo: EDIUPF, 1999;

TEDESCO, João Carlos (org.). **Usos de memórias:** política, educação e identidade. Passo Fundo: UPF, 2002;

WERLE, Flávia Obino Corrêa; THUM, Carmo; MARTINSON, Célia Carmem e

TRINCHÃO, Gláucia. **Escola Normal Rural La Salle na Voz dos Ex-Alunos:** sentidos e apropriações. In: WERLE, Flávia Obino Corrêa. (org.). **Educação rural em perspectiva internacional:** instituições, práticas e formação do professor. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2007.